

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15651 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

“QUEM SABE, FAZ; QUEM NÃO SABE, ENSINA”: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A ALIENAÇÃO DAS TÉCNICAS ARTÍSTICAS

Gabriel Souza Coelho - UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

“QUEM SABE, FAZ; QUEM NÃO SABE, ENSINA”: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A ALIENAÇÃO DAS TÉCNICAS ARTÍSTICAS

RESUMO: Trata-se de pesquisa doutoral em andamento sobre a temática da formação continuada de professores de arte na perspectiva da formação omnilateral. Parte do pressuposto de que os saberes manuais são tão relevantes quanto os saberes intelectuais, e devem ser administrados aos professores formandos com o mesmo nível de importância. Historicamente, a distinção entre trabalho intelectual e manual é fruto da divisão social do trabalho e de sua alienação, que relega os sujeitos a uma dimensão unilateral e embotada de seu desenvolvimento humano. Contra isso, propomos uma formação continuada que contribua para a formação omnilateral, que resulta num sujeito de dimensões plurifacetadas e rico de necessidades. Para tanto, realizamos formações continuadas nos municípios de Balneário Camboriú e Itapoá (SC), combinando elementos da pedagogia histórico-crítica e técnicas de desenho.

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada. Formação omnilateral. Pedagogia histórico-crítica. Divisão social do trabalho. Ensino de técnicas artísticas.

O presente resumo expandido é referente a pesquisa em andamento no programa de Doutorado em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE-UDESC). Traz como temática a formação continuada de professores de arte na perspectiva da formação omnilateral, e se concentra em torno do problema da cisão entre os saberes intelectual e manual na formação e ação docentes. Essa cisão pode ser observada na práxis docente e no discurso de muitos professores de arte, que privilegiam em seus planejamentos didáticos conteúdos concernentes à história da arte, aos elementos da geometria euclidiana, ou metodologias recorrentes como a releitura. A esta situação se soma, por um lado, a influência das pedagogias escolanovistas, rechaçando de forma intransigente qualquer ação identificada com a transmissão diretiva de conhecimentos no ambiente escolar e preconizando, em seu lugar, uma prática esvaziada e pautada pelo *laissez-faire*. E por outro, a ingerência da economia neoliberal, que desmantela a formação docente e institui um currículo voltado à formação de mão-de-obra resiliente e desapropriada de conteúdo.

A desvalorização do trabalho manual perante o intelectual não é novidade. Remonta desde os primórdios da civilização, quando do estabelecimento da divisão social do trabalho. Esta, por sua vez, é fruto da desigualdade dos indivíduos das sociedades primitivas, em termos de sexo, condição física, casualidades etc. Ao mesmo tempo, a consciência humana – nascida da necessidade de os sujeitos travarem cooperação entre si – se tornava cada vez mais complexa. Esta desenvolveu-se a tal ponto que alçou uma independência relativa da realidade material, permitindo o nascimento da teoria, da teologia e da moral, entre outros construtos. Contudo, com aquela desigualdade individual que estabeleceu a divisão do trabalho, o membro dominante da família, ou a família dominante do clã, assumiu a atribuição de delegar funções aos demais sujeitos de forma arbitrária, instituindo a propriedade ao fazer uso do trabalho alheio. Enquanto o trabalho manual consistia no “*trabalho dos homens sobre a natureza*”, o intelectual representava o “*trabalho dos homens sobre os homens*” (Marx, 2007, p. 39). O segundo passa a exercer dominância sobre o primeiro, originando a *superestrutura*.

O mundo da arte é marcadamente atravessado pela divisão e alienação do trabalho. Já na pré-história, os primeiros artistas, verdadeiros prestidigitadores, detinham um prestígio tal que se apartavam da atividade da caça para se dedicar a sua função xamânica em tempo integral. Contudo, com a progressiva urbanização das protocivilizações, o poder foi concentrado nas mãos do binômio príncipe-sacerdote: os primeiros, outrora guerreiros e salteadores, empreenderam o processo de acumulação primitiva do capital; os segundos, ao se hiperespecializarem no ofício do sacerdócio, desviaram-se da peculiaridade estética e foram postar-se ao lado dos príncipes, para servir-lhes de conselheiros e representantes espirituais. Aos artistas, restou relegarem-se à produção artesanal caseira ou subordinarem-se aos dois primeiros, que se usariam de suas mãos hábeis para consolidarem seu poder simbólico. E, da antiga Suméria à alta Idade Média, esta será basicamente sua situação laboral. Uma das principais razões para o desvalor da artesanaria

é o fato de o escultor ou o pintor serem obrigados ao trabalho manual, que implica esforço corporal e a realização de muitas tarefas fatigantes, [...]. Numa época em que a agricultura e a criação de gado estavam já plenamente desenvolvidas e eram principalmente exercidas por mulheres, a guerra passara a ser a ocupação principal dos homens e a caça a sua principal forma de desporto. Guerra e caça, ambas requerem prática, coragem e aptidões especiais, sendo, por consequência, altamente estimadas, ao passo que ocupações implicando minuciosidade, paciência e esforço fastidioso só convêm a indivíduos débeis e não são consideradas honrosas. (Hauser, 1982, p. 169-170).

Em oposição à alienação do trabalho e à redução da dimensão humana a uma dimensão unilateral, evocamos a categoria da *formação omnilateral*. Esta pode ser definida como “a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico.” (FRIGOTTO, 2012, p. 265). Nosso argumento é de que a dimensão técnica – ou seja, as manualidades da arte – é igualmente relevante na formação do professor, não guardando inferioridade de hierarquia com a dimensão intelectual. Nosso objetivo, portanto, é o de contribuir para a formação

omnilateral dos docentes, para que possam se apossar dos conhecimentos artísticos em todas as dimensões legadas pela cultura, e, assim, multiplicá-los para seus alunos por meio de sua práxis pedagógica.

A formação omnilateral é a etapa final e o máximo nível do cumprimento da demanda expressa por Saviani (2008, p. 45) quando diz que “o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam”. É uma resposta e um embate diretos ao preceito atribuído a Adam Smith de que é “necessária a instrução para os trabalhadores: ‘instrução para os trabalhadores sim, porém, em doses homeopáticas’” (Saviani, 2014, p. 115-116). A presente pesquisa, portanto, é um ato, ainda que pequeno, em prol da defesa da educação pública de qualidade, conduzida por professores que se reconheçam como parte de uma comunidade intelectual orgânica da classe trabalhadora. Compreendemos o ato de transmitir e nivelar os saberes técnicos artísticos entre esses sujeitos como uma ação que contribui para sua emancipação humana e para a superação de um estado embotado e unilateral.

A ação formativa propriamente dita tem como palco os municípios catarinenses de Balneário Camboriú e Itapoá, os quais possuem propostas curriculares pautadas pela pedagogia histórico-crítica. Organizada em encontros mensais que abarcam todo um ano letivo, atende a todos os professores de arte de cada rede, e se concentra em abordar aspectos da pedagogia citada (histórico da pedagogia histórico-crítica e comparação com outras pedagogias; organização do trabalho pedagógico; a diretividade do ensino; a psicologia histórico-cultural e a Teoria da Atividade; o desenho infantil etc.) e técnicas de desenho (o desenho na história da arte; carvão, grafite e nanquim; a visualidade; aspectos cognitivos do desenho etc.). Todo o processo é pautado pela unidade dialética entre teoria e prática, de forma que as noções pedagógicas não são apenas lidas e discutidas pelos professores, mas também vividas por eles. A culminância da formação é a produção coletiva de objetos pedagógicos voltados ao ensino do desenho que congreguem os conceitos abordados ao longo do ano.

Os efeitos da formação continuada se fazem sentir nos vários momentos de interação entre pesquisador e professores-formandos, seja durante socialização em seminários do grupo, seja quando um dos participantes faz uma pergunta, ou nos diálogos informais nos intervalos. Destes momentos, podemos elencar alguns que demonstram resultados positivos do processo: por exemplo, uma professora relatou que, ao abordar com seus alunos a temática da história dos diferentes materiais de desenho, que havia sido apresentada na formação continuada, estes alunos passaram a zelar muito mais por seus próprios objetos pessoais. Outro dado observável é que muitos professores que inicialmente manifestam aversão à noção de transmissão diretiva de conhecimento ressignificam seus conceitos prévios, demonstrando-o na confecção de seus objetos pedagógicos. É impossível quantificar plenamente os efeitos da formação continuada, ou atingir a todos os participantes da mesma forma. Contudo, consideramos nosso percurso investigativo uma experiência válida, tendo em vista nossa busca por uma análise rigorosa da história e nossa justeza de objetivos.

REFERÊNCIAS

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação omnilateral. In: CALDART, Roseli Saete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 265-274.

HAUSER, A. **História social da arte e da literatura**. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Politecnicia e formação humana. In: SAVIANI, Dermeval. **O lunar de Sepé: paixão, dilemas e perspectivas na educação**. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 109-124.